

**ENTRE A MEMÓRIA COLETIVA E A HISTÓRIA DA NAÇÃO: A CONSTRUÇÃO  
SOCIAL DA IMAGEM DO CACHACEIRO**

Nathália Caroline Dias\*

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objetivo analisar a construção social de uma imagem típica de rusticidade e simplicidade dos produtores artesanais de Cachaça, os cachaceiros, presente na memória coletiva dos grupos brasileiros e que mantem ligação fundamental com o passado histórico da nação. A Cachaça é a bebida alcoólica produzida a partir da cana-de-açúcar originalmente brasileira e sua história se confunde com a história do próprio Brasil. Sendo assim, a proposta é analisar sociologicamente a relação entre a bebida, sua história e seus produtores. Para tal, a metodologia utilizada consiste na análise qualitativa dos principais conceitos abordados, a saber, memória coletiva, fato social e história. Também foram realizadas análise documental de decretos federais e o estudo de caso do produtor Toni Rodrigues, considerado o maior cachaceiro do mundo.

**Palavras-chave:** Memória Coletiva; História; Cachaça.

**BETWEEN THE COLLECTIVE MEMORY AND HISTORY OF THE NATION: THE  
SOCIAL CONSTRUCTION OF CACHACEIRO'S IMAGE.**

**Abstract:** This research aims to analyze the social construction of a typical image of rusticity and simplicity of artisan producers of Cachaça, the “cachaceiros”, present in the collective memory of the Brazilian groups and holding key link with the past history of the nation. Cachaça is the alcohol drink produced from the originally Brazilian cane sugar and its history is intertwined with the history of Brazil itself. Thus, the goal is to analyze the sociological relationship between drinking, its history and its producers. For this purpose, the methodology used is the qualitative analysis of the main concepts covered, namely, collective memory, social fact and history. The study also included documentary analysis of federal statutes and

---

\*Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal de Juiz de Fora. Esta pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: nathalia.cdias@hotmail.com



the case study of the producer Toni Rodrigues, considered the greatest cachaceiro in the world.

**Keywords:** Collective Memory; History; Cachaça.

## Introdução

O mundo contemporâneo, caracterizado por suas profundas e intensas transformações, tem se deparado com a emergência das preocupações em torno da relação dialética entre memória e esquecimento, em particular, com o surgimento das preocupações com o repentino e eterno desaparecimento do que um dia representou a identidade de um grupo social.

Diante desse contexto, no qual memória e esquecimento encontram-se essencialmente ligados, um sendo o complemento do outro, uma crescente valorização tem sido atribuída à memória coletiva dos grupos, dentro dos quais os indivíduos se mantêm unidos por lembranças que lhes são particulares. São essas lembranças pensadas em comum, mesmo com a diversidade de perspectivas de seus indivíduos, que preservam a identidade desse grupo.

Sendo assim, esta pesquisa se justifica pela emergência na contemporaneidade de se pensar a preservação da memória coletiva diante do risco de sua transformação em história, momento no qual a tradição dos grupos sociais já não se encontra mais viva no cotidiano de seus indivíduos. Para que essa memória não desapareça por completo, é essencial que ela seja preservada em “lugares”, como museus, mas também nas narrativas, nas histórias. Nesta abordagem adotada, memória coletiva e história serão analisadas como distintas, porém, a primeira sempre encontrando seu suporte na segunda.

Nesta pesquisa a proposta é explorar como uma imagem característica dos cachaceiros (produtores artesanais de Cachaça) é construída na memória coletiva dos brasileiros, tendo como suporte o passado histórico dos acontecimentos nacionais. Para tanto, a história será analisada por seu papel de guardião da tradição de produção artesanal da Cachaça que vem sendo transmitida através das gerações entre os produtores da bebida desde as primeiras décadas após a chegada dos portugueses ao Brasil.

Na busca pela compreensão dessa relação entre a Cachaça, seus produtores artesanais e a imagem destes, presente na memória coletiva dos brasileiros, a metodologia utilizada para



a realização desta pesquisa caracteriza-se por sua natureza qualitativa, na qual a revisão bibliográfica dos principais temas aqui abordados como essenciais e a análise documental somaram-se ao estudo de caso do produtor Toni Rodrigues, conhecido como o considerado o “maior cachaceiro do mundo”.

Inicialmente, como referencial teórico para uma contextualização acerca da análise sociológica da memória coletiva como um fato social, a obra de Émile Durkheim<sup>1</sup> tornou-se fundamental. Para uma abordagem sociológica, na qual as distinções existentes entre a memória coletiva, a individual e a história fiquem mais claras, os autores selecionados foram Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak<sup>2</sup>.

Em seguida, para abordar as recentes preocupações com a memória na contemporaneidade, os autores escolhidos foram Violette Morin, Andreas Huyssen, Jacy Seixas e Peter Stallybrass<sup>3</sup>. Posteriormente, para o retrospecto histórico sobre a origem da cachaça no Brasil optei pelos estudos de Gravatá e Gonçalves, Câmara Cascudo e Trindade<sup>4</sup>.

A análise documental foi realizada através do sítio eletrônico do Senado Federal<sup>5</sup>. Por fim, o estudo de caso foi feito a partir de um, dentre alguns, vídeo disponível na *internet* e a escolha pelo produtor Toni Rodrigues se deve ao seu destaque na mídia, com participações em programas na TV aberta e notícias em jornais sobre sua vida.

## Durkheim e os fatos sociais

Émile Durkheim é considerado um dos pensadores clássicos da Sociologia e viveu entre os anos de 1858 e 1917, período este, que abrangeu o auge e a primeira grande crise

<sup>1</sup> DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

<sup>2</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004; NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993; POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

<sup>3</sup> MORIN, Violette. El objeto biográfico. In: *Los Objetos de Abraham Moles*. 1974; HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000; SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terra de história: problemáticas atuais. In: Bresciani, M.S; Naxara, Márcia. (Org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001; STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx. Roupas, memória, dor*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

<sup>4</sup> GONÇALVES, Luís Otávio P; GRAVATÁ, Carlos Eduardo. *Almanaque da cachaça*. Belo Horizonte: Formato, 1991; CÂMARA CASCUDO, Luisda. *Prelúdio da Cachaça*. São Paulo: Global, 2006; TRINDADE, Alessandra. *Cachaça, um amor brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

<sup>5</sup> Disponíveis para pesquisa em: <<http://www.senado.gov.br/>>. Acesso em 22 out. 2014.



interna do sistema capitalista monopolista europeu. Refletindo os acontecimentos históricos de sua época, para Durkheim<sup>6</sup>, os conflitos internos entre a burguesia e a classe trabalhadora resultantes do momento de consolidação do modo capitalista monopolista europeu deveriam ser analisados como problemas sociais de natureza moral e não econômica.

As abordagens teóricas dos autores clássicos da Sociologia buscaram, de formas distintas, compreender a realidade social a partir da relação entre indivíduo e sociedade, dando primazia a um ou a outro. Sendo assim, Durkheim pode ser entendido como um sociólogo que privilegiou a ação coletiva como central para o entendimento da realidade social. Para o autor, a sociedade prevaleceria sobre o indivíduo, pois este seria coagido a seguir uma série de normas de conduta social impostas pela sociedade a qual pertence.

Em *As Regras do Método Sociológico*, Durkheim concentrou-se em caracterizar e definir métodos científicos objetivos para o estudo dos fatos sociais, baseando-se na abordagem racionalista. Para Durkheim, os fatos sociais deveriam ser o objeto de estudo da Sociologia e, por meio da busca de compreensão desses, seria possível a busca pelo estado harmônico das relações em sociedade.

O fundamental da metodologia sociológica de Durkheim consistiu na análise dos fatos sociais tratados como coisas. De acordo com essa abordagem, a realidade do mundo social seria equivalente à realidade do mundo exterior. Entretanto, como explicou Durkheim, os fatos sociais não seriam coisas materiais e, sim, teriam a mesma qualidade, de maneira diferente. Ao se questionar sobre o que seria uma coisa, ele definiu:

É todo objeto de conhecimento que não é naturalmente penetrável à inteligência, tudo aquilo de que não podemos fazer uma noção adequada por um simples procedimento de análise mental, tudo o que o espírito não pode chegar a compreender a menos que saia de si mesmo, por meio de observações e experimentações, passando progressivamente dos caracteres mais exteriores e mais imediatamente acessíveis aos menos visíveis e aos mais profundos.<sup>7</sup>

Essa objetividade, considerada essencial à nascente Sociologia, exigiu que os fatos sociais fossem analisados “de fora”, portanto, como coisas. Esse princípio, observou Durkheim, já se encontrava presente na base das teorias de Comte e Spencer, porém esses

---

<sup>6</sup> DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

<sup>7</sup>DURKHEIM, Émile. Op., cit. p. 17.



pensadores concentraram-se em delimitar teoricamente os fatos sociais, deixando de lado as preocupações práticas que os fatos implicam.

Como defendeu Durkheim, para que o sociólogo exerça seu trabalho é essencial que ele abandone as concepções individuais acerca dos fenômenos sociais pesquisados, pois o que lhe é importante são as concepções coletivas, consideradas por Durkheim como as únicas socialmente eficazes.

Sendo assim, para Durkheim, a vida social não tem como centro de compreensão o indivíduo, isto é, a “consciência individual”. Realizando um paralelo com a ciência biológica, Durkheim comparou a sociedade a um organismo vivo, justificando, assim, a prioridade dada à totalidade em detrimento de suas partes. Segundo essa perspectiva, os fenômenos sociais produzidos pela sociedade se diferem dos que são elaborados pelas consciências individuais.

Nesse contexto, a distinção entre a psicologia e a sociologia é destacada, entenda-se, a distinção entre representações individuais e coletivas, respectivamente. Como explicou o autor, indivíduo e grupo são constituídos de formas diferentes, evoluem de formas desiguais e as coisas que os afetam são de naturezas distintas. Logo, as representações coletivas não possuem as mesmas causas que as representações individuais. Portanto, “para compreender a maneira como a sociedade representa a si mesma e o mundo que a cerca, é a natureza da sociedade, e não a dos particulares, que se deve consolidar. Os símbolos com os quais ela se pensa mudam conforme o que ela é”<sup>8</sup>.

De acordo com Durkheim<sup>9</sup>, os fatos sociais são formados por modos de pensar ou de agir capazes de coagirem as consciências individuais. No entanto, a coerção é um dos “sinais exteriores” por meio dos quais os cientistas sociais reconhecem os fatos que devem ser pesquisados e não se apresenta como a única propriedade dos fatos sociais.

Para o autor, os fenômenos sociais são definidos por seu caráter de real, semelhante ao encontrado nos fenômenos naturais, porém, de maneiras diferentes. Dessa forma, prossegue Durkheim<sup>10</sup>, “tudo o que é real tem uma natureza definida que se impõe, com a qual se deve contar e que, mesmo quando se consegue neutralizá-la, jamais é completamente vencida”. Sendo assim, é possível entender que essa natureza que se impõe aos fatos sociais, a coerção social, refere-se à exterioridade das maneiras coletivas de pensar e agir em relação aos

---

<sup>8</sup> DURKHEIM, Émile. Op., cit. pp. 23-24.

<sup>9</sup> DURKHEIM, Émile. Op., cit. p. 27.

<sup>10</sup> DURKHEIM, Émile. Op., cit. p. 29.



indivíduos, que estão constantemente coagidos a se resignarem a elas. Como ressaltou Durkheim<sup>11</sup>, a coerção se torna evidente no momento em que o indivíduo tenta resistir ao que é determinado pela moral coletiva da sociedade.

Nessa abordagem, essas maneiras coletivas, os fatos sociais, são analisadas como coisas que têm vida própria e das quais o indivíduo não consegue ver-se desligado. Para Durkheim<sup>12</sup>,

O indivíduo as encontra inteiramente formadas e não pode fazer que elas não existam ou que sejam diferentes do que são; assim, ele é obrigado a levá-las em conta, sendo mais difícil (não dizendo impossível) modifica-las na medida em que elas participam, em graus diversos, da supremacia material e moral que a sociedade exerce sobre seus membros. Certamente o indivíduo desempenha um papel na gênese delas. Mas, para que haja fato social, é preciso que vários indivíduos, pelo menos, tenham juntado sua ação e que essa combinação tenha produzido algo novo. E, como essa síntese ocorre fora de cada um de nós (já que envolve uma pluralidade de consciências), ela necessariamente tem por efeito fixar, instituir fora de nós certas maneiras de agir e certos julgamentos que não dependem de cada vontade particular isoladamente.

Nesse contexto, a coerção social exercida pelos fatos sociais pode ser entendida como uma coerção do tipo moral, aquela em que a consciência coletiva exerce pressão sobre a consciência dos indivíduos em sociedade. Para o autor, as instituições representam muito bem essas maneiras coletivas de comportamento e pensamento. Durkheim<sup>13</sup> definiu como “*instituição* todas as crenças e todos os modos de conduta instituídos pela coletividade”.

Nesse sentido, Durkheim focou-se nos comportamentos e modos de pensar que nos são transmitidos, e que, portanto, já existem antes de nós, por mais que nos pareçam íntimos e particulares, ou seja, por mais que pareçam pertencer à nossa consciência individual.

Acredita-se ser relevante destacar o papel dado por Durkheim à educação como fundamental no processo de aprendizado e coerção o qual os indivíduos são submetidos na vida social. Em particular exemplo sobre a educação das crianças, Durkheim<sup>14</sup> deixa claro que “toda educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente”. Sendo assim, durante a formação da criança como indivíduo ela está submetida a uma série de regras que ditam seus

---

<sup>11</sup> DURKHEIM, Émile. Op., cit. p. 2.

<sup>12</sup> DURKHEIM, Émile. Op., cit. p. 29.

<sup>13</sup> DURKHEIM, Émile. Op., cit. p. 30.

<sup>14</sup> DURKHEIM, Émile. Op., cit. p. 5.



comportamentos e sentimentos, de forma a moldá-la de acordo com seu meio social. Essa coerção, segundo Durkheim, seria neutralizada com o passar do tempo, pois o indivíduo não lhe apresentaria forte resistência como antes, dando origem, assim, aos hábitos, como se esses comportamentos tivesse origem nas vontades individuais.

A educação é, portanto, na perspectiva durkheimiana, essencial para a transmissão do que pode ser entendido como “hábito coletivo”. Os fatos sociais, nesse sentido, não podem ser analisados como simples repetição, pois “o que os constitui são as crenças, as tendências e as práticas do grupo tomado coletivamente”, não as sucessivas ações individuais<sup>15</sup>.

Para Durkheim, somente a partir do exercício do método seria possível ao pesquisador distinguir os fatos considerados sociais dos demais, que apenas representem a repetição de um comportamento. Em síntese, para Durkheim<sup>16</sup>,

*“é fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais”.*

Foi a partir dessas características pertencentes aos fatos sociais que foi possível para Durkheim distinguir claramente o objeto de estudo da Sociologia dos fenômenos estudados pelas ciências biológicas e psíquicas. Os fatos sociais, nesse sentido, seriam distintos dos demais por consistirem em representações e ações e por sua existência estar essencialmente ligada à consciência coletiva.

### **Halbwachs e a memória coletiva como fato social**

Maurice Halbwachs (1877-1945) foi um sociólogo francês que, seguindo a abordagem durkheimiana de análise dos fatos sociais, estudou a memória coletiva como um fato social. Considerado o precursor da sociologia da memória, seu trabalho intitulado *A Memória Coletiva*<sup>17</sup>, originalmente publicado em 1968, ainda nos dias atuais é referencial teórico

---

<sup>15</sup> DURKHEIM, Émile. Op., cit. p. 7.

<sup>16</sup> DURKHEIM, Émile. Op., cit. p. 13.

<sup>17</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.



essencial para o estudo da memória coletiva e com o qual autores contemporâneos dialogam, como veremos na próxima seção desta pesquisa.

O fundamental na obra de Halbwachs é a sua abordagem da memória coletiva como um fato social, cujas categorias estruturantes são o tempo e o espaço, e que, portanto, deve ser analisada como “coisa”, abandonando-se, assim, as concepções individuais sobre o fenômeno da memória. Para Durkheim<sup>18</sup>, como mencionado, o que importa ao sociólogo são as concepções coletivas do fenômeno pesquisado, consideradas pelo autor como as únicas socialmente eficazes.

Ao abordar as distinções entre memória coletiva e memória individual, Halbwachs<sup>19</sup> observou que os indivíduos são eles próprios as primeiras testemunhas as quais podemos recorrer para nos lembrarmos de acontecimentos passados. Como notou o autor, nossa percepção do que aconteceu pode também ser reforçada a partir da lembrança dos outros membros do grupo ao qual pertencemos. De acordo com essa perspectiva,

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.<sup>20</sup>

Sendo assim, é possível compreender que o indivíduo está só apenas na aparência, pois leva com ele, em seus pensamentos, as pessoas e os grupos que de alguma forma passaram por sua vida e exercem influência sobre suas lembranças individuais. Segundo Halbwachs<sup>21</sup> (2004, p.31-32), para melhor nos recordarmos, devemos nos voltar para os outros membros do grupo e adotarmos seu modo de pensar e de agir. No entanto, a presença dessas testemunhas não seria suficiente para complementar nossas lembranças, algo dessas lembranças precisaria estar preservado primeiramente em “nosso espírito”.

Nesse sentido, o que está em “nosso espírito” seria reforçado pelos testemunhos dos outros, pelas imagens reconstituídas por meio desses testemunhos. Essas imagens, que nos são impostas pelo meio ao qual pertencemos, destacou Halbwachs (2004, p.32), têm a

<sup>18</sup> DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

<sup>19</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004..pp. 31-32.

<sup>20</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. p. 30.

<sup>21</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. pp. 31-32.



capacidade de transformar as impressões que guardamos de fatos do passado ou, mesmo, de pessoas que conhecemos, reproduzindo exatamente o que estava preservado em nossa memória ou nos apresentando lembranças as quais já se estavam perdidas.

De acordo com essa abordagem, as memórias individuais podem ser entendidas como sendo constituídas a partir da memória coletiva, pois, para que elas se mantenham preservadas no espírito dos indivíduos, é essencial que estes permaneçam em contato com os outros de seu grupo e não percam a capacidade de pensar e de se lembrar como membro desse grupo. Nas palavras de Halbwachs<sup>22</sup>, “esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam”.

A memória coletiva, a partir dessa perspectiva teórica, apresenta as características do fato social, delimitadas e explicadas por Durkheim em seu trabalho acerca *d’As Regras do Método Sociológico*<sup>23</sup>. A memória coletiva, assim sendo, caracteriza-se por possuir uma natureza de coerção social sobre as memórias individuais, pois se refere à exterioridade das maneiras coletivas de pensar e de se lembrar. Essas maneiras coletivas são exteriores, pois existem antes e fora de nós, já que somente conseguimos alcançá-las a partir de outros indivíduos com os quais nos relacionamos em sociedade, por mais que nos pareçam íntimas e particulares, e estamos constantemente coagidos a nos resignarmos a elas.

Como observou Halbwachs<sup>24</sup>, mesmo quando estamos na presença física de um grupo, podemos estar distantes dele em pensamento, ou seja, podemos possuir sentimentos e ideias que se relacionam com outros grupos, reais ou imaginários. Nesse sentido, o que constitui a memória individual é esse modo particular de vivenciar as experiências, as percepções que são geradas em cada indivíduo a partir do arcabouço de lembranças que possui, originadas nos diversos grupos aos quais se encontram inseridas.

A memória coletiva, portanto, pode ser entendida como as lembranças e pensamentos comuns aos indivíduos do grupo e, para manter-se viva, é essencial que os indivíduos não deixem de pensar e de se lembrar de forma coletiva. Segundo Halbwachs<sup>25</sup>,

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com

---

<sup>22</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. p. 37.

<sup>23</sup> DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

<sup>24</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p. 38.

<sup>25</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. pp. 39-39.



suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum [...]. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizerem e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Sendo assim, o processo de construção da memória individual é constante e está essencialmente ligado à construção das memórias coletivas dos diversos grupos aos quais pertencemos. Como ressaltou Halbwachs<sup>26</sup> “[...] nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas”.

Ao abordar as lembranças da infância, o autor notou que somente somos capazes de nos lembrar do passado a partir de nosso convívio com outros indivíduos em sociedade, por meio da linguagem. O que, afinal, nos é possível compreender, posto que somos seres sociais e nossos pensamentos e ações ganham sentido quando estamos junto a outros indivíduos. Dessa forma, como explicou Halbwachs<sup>27</sup>, “se não nos recordamos de nossa primeira infância, é, com efeito, porque nossas impressões não se podem relacionar com esteio nenhum, enquanto não somos ainda um ente social”.

Conforme a abordagem metodológica de Durkheim, adotada por Halbwachs, um relevante ponto de diálogo entre os autores é o que se refere ao papel fundamental da educação no processo de aprendizado e coerção social pelo qual todo indivíduo, em especial a criança, é submetido na vida social.

Para Durkheim<sup>28</sup>, essa coerção acompanha a criança durante toda sua formação como indivíduo, submetendo-a a uma série de regras que determinam seus comportamentos e sentimentos, moldando-a, assim, em conformidade com seu meio social. Essa coerção, no entanto, não seria perceptível e, com o passar do tempo, seria neutralizada pelo indivíduo, tornando-se evidente no momento em que este tenta resistir ao que é determinado pela coletividade.

A coerção que a memória coletiva, por ser um fato social, exerce sobre as memórias individuais somente é perceptível quando o indivíduo tenta resistir a ela. Como destacou

---

<sup>26</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. p. 40.

<sup>27</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. p. 42.

<sup>28</sup> DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 2.



Halbwachs<sup>29</sup>, “uma ‘corrente de pensamento’ social é ordinariamente tão invisível como a atmosfera que respiramos. Só reconhecemos sua existência, na vida normal, quando a ela resistimos; mas uma criança que chama os seus, e que tem necessidade de sua ajuda, não lhes resiste”.

Como consequência, com o passar do tempo, ao não apresentarmos resistência à coerção social da memória coletiva, bem como a qualquer outro fato social, sobre as manifestações individuais dos fenômenos, não percebemos que nossos pensamentos, sentimentos e lembranças não têm origem em nós mesmos, mas, sim, nos grupos aos quais pertencemos. Segundo Halbwachs<sup>30</sup>,

[...] nós não percebemos que não somos senão um eco [...]. De uma maneira ou de outra, cada grupo social empenha-se em manter uma semelhante persuasão junto a seus membros [...]. De qualquer maneira, na medida que cedemos sem resistência a uma sugestão de fora, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que a maioria das influências sociais que obedecemos com mais frequência nos passam despercebidas.

Em síntese, a abordagem de Halbwachs buscou analisar a memória coletiva como um fato social de acordo com as delimitações do objeto de estudo da Sociologia durkheimiana: os fatos sociais tratados como coisas. A memória coletiva, nessa abordagem, se estrutura sobre os indivíduos que se lembram enquanto membros de um grupo, não sobre suas memórias individuais. Portanto, a memória coletiva não deve ser compreendida como o resultado da soma das memórias individuais encontradas em um grupo, mas ao contrário, a memória individual é construída a partir das recordações que o indivíduo possui de cada grupo social ao qual faz parte. A memória individual pode confundir-se com a memória coletiva, mas esta não se confunde com as memórias individuais.

### **Entre memória coletiva e história**

Maurice Halbwachs, ao propor a análise sociológica da memória seguindo a abordagem de Durkheim, analisou não somente as diferenças entre memória coletiva e

---

<sup>29</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p. 45.

<sup>30</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. pp. 51-52.



memória individual, mas buscou também tornar mais claras as fronteiras que separam as memórias individual e coletiva da história, em particular da história dos acontecimentos nacionais. Como mencionado anteriormente, o trabalho de Halbwachs se tornou referência para o estudo acerca de uma sociologia da memória, sendo, portanto, relevante expor nesta seção alguns dos principais autores que dialogam com Halbwachs, como o historiador Pierre Nora<sup>31</sup> e o sociólogo Michael Pollak<sup>32</sup>.

O que Halbwachs denominou como “memória histórica” relaciona-se às lembranças de acontecimentos passados de uma nação, ou seja, sua História nacional que, muitas vezes, se confunde com as “memórias autobiográficas”, ou individuais. Buscando esclarecer a aparente oposição entre esses dois termos, Halbwachs<sup>33</sup> observou que as lembranças que possuímos de acontecimentos que marcaram a memória da nação nos são lembranças emprestadas, as quais obtivemos com os testemunhos daqueles que vivenciaram esses acontecimentos.

O que permanece dessas lembranças é a tradição do passado histórico nacional, as marcas de tais acontecimentos em determinados grupos sociais. Para Halbwachs<sup>34</sup>, esses acontecimentos somente podem se manifestar como “noções, símbolos; eles se apresentam a mim sob uma forma mais ou menos popular, posso imaginá-los; é-me quase impossível lembrá-los”.

Os acontecimentos históricos, nesse sentido, atuam como referenciais para nossas memórias individuais, sobre os quais estas se apoiam, demarcando as divisões do tempo social. Esse tempo é social, pois se encontra “fora de nós e se impõem de fora a todos as memórias individuais, precisamente porque eles não têm sua origem em nenhuma delas. O tempo social assim definido seria inteiramente exterior às durações vividas pelas consciências”<sup>35</sup>. Portanto, memória histórica e memória individual são fenômenos distintos, compostos por substâncias diferentes, sendo que a primeira exige a existência prévia e autônoma da segunda.

---

<sup>31</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez. 1993. pp. 7-28.

<sup>32</sup> POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

<sup>33</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p.58.

<sup>34</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit.

<sup>35</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. pp. 60-61.



Como explicou Nora, a coerção da memória social, ou coletiva, ocorre somente sobre o indivíduo, posto que é somente sobre ele que pesam as lembranças e os sentimentos de pertencimento, considerados pelo autor como princípio e segredo da identidade. “Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente. Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar”<sup>36</sup>.

A partir dessa contextualização sobre o papel da história, Halbwachs concentrou-se na distinção entre memória coletiva e memória histórica, explicando que a diferença entre ambas está fundamentada na distinção entre o que é aprendido e o que é vivido pelos indivíduos. Segundo o autor, “não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória”<sup>37</sup>.

Conforme essa abordagem, memória e história encontram-se entrelaçadas, mas não se confundem. Os acontecimentos históricos os quais temos conhecimento, principalmente, através da história escrita ou de narrativas daqueles que deles participaram, podem ser aprendidos por nós, mas não os vivenciamos. Como notou Halbwachs<sup>38</sup>, “é nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para reconstituir um quadro vivo e natural que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado”.

As memórias que se auxiliam da história nacional são aquelas que se encontram mais distantes dos indivíduos, são mais amplas, e suas transformações se refletem de forma menos direta sobre os mesmos. Como explicou Halbwachs<sup>39</sup>, os indivíduos em sociedade fazem parte de diversos grupos mais restritos, cada grupo possuindo sua respectiva memória coletiva, as quais “atuam muito mais diretamente sobre a vida e o pensamento de seus membros”. Esses grupos encontram-se delimitados no tempo e no espaço e seus membros mantêm-se ligados por lembranças que lhes são particulares. São essas lembranças pensadas em comum, mesmo com a diversidade de perspectivas de seus indivíduos, que preservam a união desse grupo.

---

<sup>36</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez. 1993. p.18.

<sup>37</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p.64.

<sup>38</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. p.75.

<sup>39</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. p.84.



Diante das características distintas entre memória coletiva e história, expostas por Halbwachs, o próprio autor reconheceu que o termo “memória histórica” não está correto, posto que relaciona duas noções teóricas divergentes. A história refere-se aos acontecimentos do passado selecionados e classificados que nos são transmitidos, sobretudo, através da educação. Como observou o autor,

É porque geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente. Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais suporte um grupo [...] o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem<sup>40</sup>.

A memória coletiva, em oposição, caracteriza-se por ser contínua, preservando o que do passado ainda encontra-se vivo ou capaz de viver nas lembranças do grupo ao qual pertence. Assim sendo, ressaltou Halbwachs<sup>41</sup>, existirão tantas memórias coletivas quantos grupos sociais existirem. A história, entretanto, é somente uma, e, por isso, mais geral e objetiva, deixando de lado as memórias de grupos particulares. “É como dizer que a história se interessa, sobretudo pelas diferenças, feita as abstrações das semelhanças, sem as quais, todavia não haveria memória, uma vez que lembramos apenas dos fatos que tenham por traço comum pertencer a uma mesma consciência”<sup>42</sup>.

Mantendo diálogo com o estudo iniciado por Halbwachs, para o historiador Pierre Nora<sup>43</sup> “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”, no entanto, o que o autor denominou como “fim da história-memória” representa a transformação do que um dia foi memória coletiva de um grupo em história. Essa transformação da tradição em passado morto reflete o que Nora observou como sendo o resultado de uma “aceleração da história”<sup>44</sup>.

Segundo o autor, essa aceleração acontece como consequência do processo de globalização, o qual vem intensificando o rompimento dos vínculos que mantemos com o

<sup>40</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. pp.84-85.

<sup>41</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p.89.

<sup>42</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit. p.91.

<sup>43</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez. 1993. p.7.

<sup>44</sup> NORA, Pierre. Op., cit.



passado. No entanto, os riscos da perda do passado trazem à tona a questão da preservação da memória em lugares. “Há locais de memória porque não há mais meios de memória”<sup>45</sup>.

Nesse sentido, a história atua como protetora de uma memória em vias de esquecimento, preservando vestígios do passado que não fazem mais parte da “memória verdadeira, social, intocada” dos grupos<sup>46</sup>. De acordo com essa perspectiva, a memória coletiva detém um poder de se atualizar diante das constantes transmissões entre as gerações de um mesmo grupo, como sua tradição. É esse poder que faz com que a memória pareça contínua, sempre viva. Como bem definiu Nora<sup>47</sup>,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado.

A relação dialética entre memória e esquecimento parece estar mais evidente nas últimas décadas, em particular, como consequência do processo de “aceleração da história”. Sendo assim, diante desses novos contextos de rupturas com o passado, torna-se relevante a abordagem de alguns autores que estudam a emergência das preocupações com a frente às transformações cada vez mais aceleradas no mundo globalizado no qual vivemos atualmente.

O historiador Andreas Huyssen em seu trabalho “*Passados presentes: mídia, política, amnésia*”<sup>48</sup>, tendo como objeto de estudo o Holocausto, explicou que a globalização da memória funciona em dois sentidos contrários, ilustrando o que o autor chamou de “paradoxo da globalização”. Segundo ele, os discursos globalizados de memória apresentam, ao mesmo tempo, uma dimensão totalizante, tornando-os uma referência universal, e uma dimensão que os particulariza, aproximando-os dos discursos locais<sup>49</sup>. Como observou o autor, embora encontremos os discursos em sua dimensão global, temos de ter em mente que seu núcleo encontra-se ligado às particularidades, sejam locais ou nacionais<sup>50</sup>.

<sup>45</sup> NORA, Pierre. Op., cit.

<sup>46</sup> NORA, Pierre. Op., cit. p. 8.

<sup>47</sup> NORA, Pierre. Op., cit. p. 9.

<sup>48</sup> HUYSEN, Andreas. *Passados presentes: mídia, política, amnésia*. In: *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

<sup>49</sup> HUYSEN, Andreas. Op., cit. pp. 12-13.

<sup>50</sup> HUYSEN, Andreas. Op., cit. pp. 16-17.



No decorrer de seu estudo, Huyssen apresentou outro paradoxo com o qual temos de lidar na contemporaneidade. Através de críticas à mídia, realizada por outros autores, Huyssen abordou a situação contraditória de vivermos em uma cultura da memória que é incapaz ou não possui vontade de se lembrar. Para o autor, essa incapacidade de preservarmos memória refere-se ao fato de que a mídia faz com que a memória esteja cada vez mais disponível para nós, comercializando em massa memórias que não são vivenciadas por nós, mas sim, “memórias imaginadas” e, portanto, muito facilmente esquecíveis<sup>51</sup>.

Nesse sentido, Huyssen questionou se as abordagens sociológicas de Halbwachs, datadas dos anos 1960, conseguiriam lidar com esse novo contexto globalizado, se ainda existiriam grupos sociais estáveis, os quais preservariam suas memórias coletivas diante dos constantes riscos de esquecimento. No entanto, como explicou o autor, memória e esquecimento estão profundamente interligados, um sendo o contraponto do outro, e, dessa forma, as preocupações com a preservação do que nos é comum, memória compartilhada com nossos semelhantes, são acompanhadas das preocupações com o esquecimento, com a perda do que nos faz sentir pertencentes a um grupo. “O enfoque sobre a memória é energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo faturamento do espaço vivido”<sup>52</sup>.

Nas palavras de Nora<sup>53</sup>,

o sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com a incerteza do futuro para dar ao mais modesto dos vestígios, ao mais humilde testemunho a dignidade virtual do memorável.

A historiadora Jacy Alves de Seixas, em seu estudo intitulado *Percursos de memórias em terra de história: problemáticas atuais*<sup>54</sup>, abordou como a historiografia contemporânea vem buscando responder questões atuais acerca da crescente valorização da memória diante de seu correlato, o esquecimento. Realizando uma crítica ao modo tradicional da

<sup>51</sup> HUYSSSEN, Andreas. Op., cit. pp. 17-18.

<sup>52</sup> HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000. pp. 19-20.

<sup>53</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez. 1993. p.14.

<sup>54</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. *Percursos de memórias em terra de história: problemáticas atuais*. In: Bresciani, M.S; Naxara, Márcia. (Org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.



historiografia de abordar o tema, Seixas se propôs a ver a relação memória e história através de olhares multidisciplinares, trazendo a filosofia e a literatura para as discussões, além da já presente sociologia, com destaque para Halbwachs e Nora.

Segundo Seixas<sup>55</sup>, a historiografia “elegeu a memória voluntária, desqualificando a memória involuntária tida como constitutiva de um terreno de irracionais e, por essa razão, avessa à história”. Nessa perspectiva, a memória voluntária se caracteriza por excluir da vida dos indivíduos e de suas ações toda sua dimensão afetiva e descontínua e, conseqüentemente, a historiografia também excluiu tal dimensão. Entretanto, como mostrou Seixas<sup>56</sup>, nas últimas décadas a historiografia, bem como parte das ciências humanas, vem buscando integrar essa dimensão afetiva e descontínua da memória involuntária.

A memória coletiva, por representar o que do grupo permanece vivo, seus modos de pensar e de agir que refletem sua identidade, inevitavelmente carrega consigo elementos de afetividade, como o sentimento de pertencimento, exposto por Nora. Como consequência desses laços afetivos entre os membros do grupo, essas preocupações com a memória involuntária também devem ser levadas em consideração ao se estudar a memória coletiva.

O sentimento de desaparecimento repentino e para sempre do que um dia representou a identidade do grupo soma-se às incertezas do futuro, tornando a preservação da memória coletiva tema essencial na contemporaneidade. Para Nora<sup>57</sup> “chegamos, simetricamente, da ideia de um passado visível a um passado invisível; de um passado coeso a um passado que vivemos como rompimento; de uma história que era procurada na continuidade da memória a uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história”.

Nesse sentido, enquanto os membros do grupo ainda possuem o desejo de preservar e vivenciar sua memória, existirão “lugares de memória”, quando esse desejo se perder teremos “lugares de história”<sup>58</sup>. Para Michael Pollak<sup>59</sup> esses pontos de referência do passado, como monumentos e museus, por exemplo, compõem um “quadro da memória” que reflete as intenções de preservação do grupo ao qual pertence.

<sup>55</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Op., cit. pp. 47-48.

<sup>56</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Op., cit.

<sup>57</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez. 1993. p.18.

<sup>58</sup> NORA, Pierre. Op., cit. p. 22.

<sup>59</sup> POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989. p. 9.



Seguindo uma abordagem teórica distinta da tradição metodológica durkheimiana, Pollak<sup>60</sup>, analisou o fenômeno da memória coletiva aproximando-o do construtivismo, tendência teórica mais contemporânea. Nessa abordagem, o interesse encontra-se na compreensão de como e por quem as memórias coletivas são construídas e formalizadas e, no caso aqui pesquisado, como a memória coletiva da cachaça, bebida popular brasileira, presente em alguns grupos, sincroniza-se aos usos e às relações que os produtores têm com a bebida, construindo uma imagem popular do cachaceiro.

### **A cachaça e os acontecimentos nacionais**

A Cachaça é uma bebida alcoólica produzida a partir da destilação do mosto (suco) fermentado de cana-de-açúcar. De acordo com o Decreto número 4.851 de dois de outubro de 2003<sup>61</sup>, essa denominação é exclusiva para a aguardente de cana produzida no Brasil, que possui graduação alcoólica de trinta e oito a quarenta e oito por cento em volume, a vinte graus Celsius. No entanto, durante o Brasil-colônia o vocábulo “cachaça” não apareceu nos documentos oficiais, surgindo as primeiras citações à bebida somente a partir do começo do século XIX em textos de estrangeiros que visitaram o país<sup>62</sup>.

Essa ação citada acima é apenas uma dentre as diversas que o Estado brasileiro vem tomando como medida de proteção e reconhecimento da Cachaça como bebida originalmente brasileira<sup>63</sup>. Para além de medidas protecionistas econômicas, principalmente, na busca da clara distinção entre Cachaça e Rum, essas ações nos colocam questões acerca do percurso histórico da bebida no Brasil, sendo relevante, portanto, uma breve exposição dos acontecimentos nacionais envolvendo a Cachaça.

Segundo os historiadores e folcloristas da Cachaça, sua matéria prima foi plantada no Brasil-colônia pelos portugueses logo após o Descobrimento, no entanto, como ressaltou

---

<sup>60</sup> POLLAK, Michael. Op., cit.

<sup>61</sup> Disponível para pesquisa em: <<http://www.senado.gov.br/legislacao/>>. Acesso em 22 out. 2014.

<sup>62</sup> CÂMARA CASCUDO, Luisda. *Prelúdio da Cachaça*. São Paulo: Global, 2006. pp. 19-20.

<sup>63</sup> Para mais informações sobre as ações atuais do Estado brasileiro em relação à Cachaça ver: DIAS, N. C. A Cachaça é Nossa: cultura e ideologia na construção da identidade nacional. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, v. 4, p. 35-44, 2013.



Trindade<sup>64</sup>, a produção do açúcar somente apresentou relevância econômica a partir de 1530, tornando-se o principal produto da colônia até, aproximadamente, 1650, período histórico que ficou conhecido como “ciclo da cana”.

O início da produção da Cachaça, ou melhor, da bebida fermentada, teria ocorrido simultaneamente à produção do açúcar, com o estabelecimento dos engenhos ainda no início do século XVI<sup>65</sup>. Como explicou Trindade<sup>66</sup>, a bebida teria sido descoberta pela curiosidade dos escravos ao verem os animais consumirem o caldo que surgia da mistura da espuma que sobrava da produção do açúcar e com os grãos que alimentavam os animais. “Os escravos, vendo os animais consumirem aquele caldo, decidiram experimentá-lo, gostaram e passaram a consumi-lo com frequência”.

Os portugueses, ao tomarem conhecimento do consumo da bebida pelos escravos, inicialmente aplicaram suas técnicas de destilação ao mosto fermentado de cana-de-açúcar. A partir da segunda metade do século XVII, no entanto, com o enfraquecimento do açúcar como principal produto econômico brasileiro, a Cachaça se tornou moeda de troca na compra de escravos e passou a ser consumida em larga escala na colônia, transformando-se, assim, em uma ameaça ao consumo da aguardente portuguesa<sup>67</sup>.

Como forma de reduzir o consumo de Cachaça na colônia, entre as primeiras décadas do século XVII e o fim do século XVIII a Corte Portuguesa proibiu a venda e a produção da bebida<sup>68</sup>. Outra medida adotada pelos portugueses foi a criação de tributas sobre a Cachaça, como o “subsídio voluntário” em 1756, para reconstruir Lisboa após um terremoto, e o “subsídio literário” em 1773, para sustentar os professores régios<sup>69</sup>.

Porém, a bebida continuou sendo produzida de forma ilegal, pois as dificuldades de fiscalização e a grande sonegação dos tributos favoreciam a resistência à dominação da bebida portuguesa. Diante desse contexto, a Cachaça, além de seu papel como produto econômico, tornou-se um dos símbolos da cultura brasileira, elemento essencial presente na memória coletiva dos brasileiros. Nas palavras de Cascudo (2006, p.47, *grifo do autor*), a Cachaça “é a

<sup>64</sup>TRINDADE, Alessandra. *Cachaça, um amor brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

<sup>65</sup>GONÇALVES, Luís Otávio P; GRAVATÁ, Carlos Eduardo. *Almanaque da cachaça*. Belo Horizonte: Formato, 1991.

<sup>66</sup>TRINDADE, Alessandra. *Cachaça, um amor brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 2006. p. 27.

<sup>67</sup>TRINDADE, Alessandra. *Cachaça, um amor brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 2006. p. 31.

<sup>68</sup>TRINDADE, Alessandra. Op., cit.

<sup>69</sup>GONÇALVES, Luís Otávio P; GRAVATÁ, Carlos Eduardo. *Almanaque da cachaça*. Belo Horizonte: Formato, 1991.



bebida-do-povo, áspera, rebelada, insubmissa aos ditames do amável paladar, bebida de 1817, da Independência, atrevendo-se enfrentar o vinho português soberano [...] bebida nacional, a *Brasileira*”.

Conforme Gonçalves e Gravatá<sup>70</sup>, as representações e memórias associadas à Cachaça passaram por profundas transformações no decorrer dos séculos, em particular entre os séculos XIX e início do XX, quando a elite e a classe média brasileira, numa tentativa de se identificarem com a cultura europeia, produziram um forte preconceito contra os hábitos e costumes brasileiros. Sendo assim, a Cachaça novamente foi considerada uma bebida inferior e marginalizada.

Somente a partir da Semana de Arte Moderna, em 1922, movimento de renovação da brasilidade e da valorização da cultura nacional realizado por intelectuais, artistas e estudiosos, que a Cachaça tornou-se novamente bebida relevante econômica e culturalmente, consolidando-se gradativamente como um símbolo da memória brasileira, apesar de ainda existirem muitas concepções negativas sobre a bebida, bem como, bebidas extremamente sofisticadas e consideradas de alto luxo.

### “O maior cachaceiro do mundo”

Nesta pesquisa, a proposta é analisar como uma imagem “típica” dos produtores de cachaça, os cachaceiros, que encontra suporte nos acontecimentos históricos nacionais, é construída na memória coletiva dos brasileiros, ao se pensar nos usos e relações entre os produtores e a bebida. Sendo assim, a Cachaça é analisada, tanto pela sua imaterialidade, seu modo de fazer, como por sua materialidade, como objeto que faz parte dos grupos, ganhando sentido e significado, auxiliando-se nas lembranças comuns do passado. Nas palavras de Halbwachs<sup>71</sup>, apesar de os objetos serem como “uma sociedade silenciosa e imóvel”, podemos compreendê-los, pois eles nos são familiares, seus significados são construídos no interior do grupo.

Na busca pela compreensão dessa relação entre Cachaça, seus produtores e a imagem do cachaceiro que é construída na memória coletiva de alguns grupos brasileiros, esta

<sup>70</sup>GONÇALVES, Luís Otávio P; GRAVATÁ, Carlos Eduardo. Op., cit.

<sup>71</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p.138.



pesquisa analisa o caso do produtor Toni Rodrigues, considerado o “maior cachaceiro do mundo”. Esta análise será feita sobre um, dentre alguns vídeos sobre o produtor, que está disponível na *internet*. A escolha pelo produtor se deve ao seu destaque na mídia, com participações em programas na TV aberta e notícias em jornais sobre sua vida<sup>72</sup>.

Antônio Eustáquio Rodrigues, o Toni Rodrigues, popularmente conhecido como “o maior cachaceiro do mundo”, é sócio fundador das marcas Seleta, Saliboa e Boazinha, produzidas em Salinas, cidade localizada no norte de Minas Gerais. Entretanto, como divulgado pela assessoria de imprensa da marca, Toni já está afastado das atividades administrativas desde 2006, por problemas de saúde<sup>73</sup>.

O vídeo analisado nesta pesquisa é do ano de 2013 e foi produzido pela TVFolha<sup>74</sup>. De acordo com as informações divulgadas pelo vídeo, a produção da marca de Cachaças de Toni Rodrigues é de 1,3 milhão de litros por ano e, segundo Toni, seu faturamento mensal é de três milhões de reais. No entanto, apesar de sua elevada renda, Toni Rodrigues, contrariando possíveis conclusões, nos é apresentado como uma pessoa simples, que tem alguns compromissos religiosos, que distribui brinquedos para as crianças mais carentes da cidade, de hábitos não sofisticados (durante o vídeo, Toni aparece bebendo cachaça, no que parece ser a cozinha de sua casa, descalço, com os pés sobre uma cadeira), reforçando uma memória de rusticidade que, geralmente, é associada à construção da imagem do cachaceiro.

Para uma melhor contextualização acerca das relações entre os sujeitos e os objetos, em particular, na contemporaneidade, torna-se relevante para esta pesquisa as abordagens de Violette Morin e Peter Stallybrass. Em seu estudo intitulado “*El objeto biográfico*”<sup>75</sup>, Morin abordou as relações nunca simples e notórias entre o sujeito e o objeto, em especial, na sociedade contemporânea, na qual encontramos uma abundância de objetos.

<sup>72</sup> Recentemente, no mês de agosto de 2014, o produtor teve prisão preventiva decretada, suspeito de cometer uma tentativa de homicídio e dois crimes de violência sexual. Após ficar 88 dias na prisão, Toni Rodrigues foi liberado com alvará concedido pela Justiça de Salinas. Notícia disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/11/08/rei-da-cachaca-deixa-prisao-em-minas-gerais-apos-88-dias.htm>> Acesso em 10 nov. 2014.

<sup>73</sup> Informação disponível em: <http://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2014/08/producao-de-cachaca-e-presos-suspeito-de-pedofilia-no-norte-de-minas-gerais.html>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

<sup>74</sup> “Toni Rodrigues, da Seleta, o maior cachaceiro do mundo”. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_rKUq-R2MOY](https://www.youtube.com/watch?v=_rKUq-R2MOY)>. Acesso em: 20 ago. 2014.

<sup>75</sup> MORIN, Violette. *El objeto biográfico*. In: *Los Objetos de Abraham Moles*. 1974.



A partir das transformações cada vez mais velozes e intensas do mundo globalizado, a distância que separa os objetos artesanais e os industriais se amplia e, como explicou Morin<sup>76</sup>, “el tiempo que los separa no es tan solo el que se desenvuelve en el espacio de dos generaciones sino también el que separa en cada uno de ellos, la actividad artesanal y la actividad automatizada”, gerando, dessa forma, diversas dicotomias entre tradição e modernidade.

Ao abordar a relação entre artesanal e industrial, Morin apresentou uma classificação na qual distingue o que chama de “objeto biocêntrico ou biográfico” e “objeto cosmocêntrico ou protocolar”. Segundo a autora, essa distinção baseia-se na existência ou não de sincronia entre os sujeitos e os objetos que possuem. O objeto biográfico, sendo aquele que faz parte da vida íntima do sujeito, passada ou presente, não apenas encaixando-se na dimensão espacial que circunda o sujeito. Nas palavras de Morin<sup>77</sup>, “en este caso, objeto y usuario se utilizan mutuamente y se modifican recíprocamente en la más estrecha sincronía. Los objetos [...] mantienen una simbiosis con su poseedor [...] envejecen al mismo tiempo que él, se incorporan a la duración de sus actividades”.

O objeto protocolar, ao contrário, caracteriza-se por ser determinado pelos progressos científicos e culturais presentes no mundo globalizado. Por ser resultado das necessidades e gostos pensados a partir de uma escala universal, não se encontra ligado às particularidades dos sujeitos, ou seja, não há uma sincronia entre ambos. “Este cosmoctrismo previo es su condición de existencia: ‘Todo el mundo lo tiene’<sup>78</sup>.”

Nesse sentido, a Cachaça artesanal, além de seu particular modo de fazer, busca valorização na sincronia com seu produtor e com seus consumidores, sendo, portanto, um objeto biográfico. Por fazer parte da vida presente dos produtores e por se basear no passado histórico da nação, há uma relação mútua de transformações entre a bebida e seus produtores, construindo uma imagem popular dos mesmos na memória coletiva de alguns grupos brasileiros.

O pesquisador Peter Stallybrass, em seu estudo *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*<sup>79</sup>, refletiu sobre essas complexas e não tão claras relações que mantemos entre as coisas

---

<sup>76</sup> MORIN, Violette. Op., cit. p. 189.

<sup>77</sup> MORIN, Violette. Op., cit. pp. 189-190.

<sup>78</sup> MORIN, Violette. Op., cit. p. 190.

<sup>79</sup> STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx. Roupas, memória, dor*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.



como os objetos de uso em nosso cotidiano, recebendo nossas marcas e, portanto, carregando nossas memórias, e as coisas como mercadorias, esvaziadas de nossas particularidades e de nossas lembranças.

O estudo de Stallybrass, tendo como foco de pesquisa a relação de construção e preservação da memória através das roupas, evidenciou, ainda mais, a forte influência recíproca entre a memória e os objetos com os quais lidamos no nosso cotidiano. Nessa perspectiva, podemos (re) encontrar nossas memórias, as lembranças daqueles que já não se encontram presentes em nossas vidas, a partir de roupas e outros objetos que possuem significados para nós<sup>80</sup>.

Sendo assim, as roupas e os objetos que nos são mais íntimos, ou objetos biográficos, para utilizarmos a definição de Morin<sup>81</sup>, estão essencialmente associados com a memória, ou como concluiu Stallybrass<sup>82</sup>, “a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente”.

De acordo com o posicionamento do autor, semelhante ao paradoxo da globalização da memória apresentado por Andreas Huyssen<sup>83</sup>, em seu trabalho sobre os “passados presentes”, Stallybrass<sup>84</sup> observou que, ao contrário dos discursos geralmente encontrados acerca do materialismo da vida moderna, vivemos em um contexto no qual “a atenção ao material é precisamente aquilo que está ausente. Rodeados como estamos por uma extraordinária abundância de materiais, seu valor deve ser incessantemente desvalorizado e substituído”.

Diante desse contexto, as preocupações com as consequências do processo de globalização também se encontram presentes nos estudos de Morin e Stallybrass, retomando, assim, o tema da preservação da memória pertencente ao grupo social, associada aos objetos mais íntimos desse grupo.

No vídeo analisado, foi possível perceber a simplicidade e rusticidade que, muitas vezes, são associadas à imagem do cachaceiro e à tradição da produção artesanal da cachaça.

---

<sup>80</sup> STALLYBRASS, Peter. Op., cit. pp. 10-11.

<sup>81</sup> MORIN, Violette. El objeto biográfico. In: *Los Objetos de Abraham Moles*. 1974.

<sup>82</sup> STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx. Roupas, memória, dor*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. pp. 13-14.

<sup>83</sup> HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

<sup>84</sup> STALLYBRASS, Peter. Op., cit. 15.



Essa imagem “típica” que é construída seria denominada por Silveira e Buendía<sup>85</sup> como “construção estética e ética” do cachaceiro artesanal. Nesse sentido, a continuidade, através da transmissão entre gerações, do modo de fazer e dos saberes envolvidos na produção da bebida, parece promover uma ligação do presente com o passado histórico. Passado este, que ainda se encontra vivo na memória dos produtores e na sua relação com a bebida, representados neste estudo pelo caso do produtor Toni Rodrigues.

### Considerações finais

Nesta pesquisa, a proposta foi analisar como uma imagem “típica” dos cachaceiros é construída na memória coletiva de alguns grupos brasileiros, imagem de um homem rústico e simples, de hábitos não sofisticados. Essa imagem presente na memória dos brasileiros encontra suporte nos acontecimentos históricos nacionais, nos quais a história da Cachaça se confunde com a própria história do Brasil.

Sendo assim, se buscou, com este trabalho, uma abordagem construtivista dessa imagem particular dos produtores artesanais da Cachaça, tendo como referencial a memória coletiva como fato social e que, portanto, foi analisada como coisa, seguindo a metodologia durkheimiana aplicada por Halbwachs em sua sociologia da memória. Sendo assim, a Cachaça, os usos e as relações que os produtores têm com ela, participam da construção de memórias que se encontram vivas no grupo porque seus membros as têm em comum, compartilham os mesmos sentimentos, ainda que de perspectivas distintas, coagindo, nos termos de Durkheim, as memórias individuais do grupo.

Ao ser analisada como um fato social, a memória coletiva, em especial, a memória coletiva da produção artesanal da Cachaça nos remete ao seu modo de fazer tradicional que é transmitido entre as gerações desde as primeiras décadas após o Descobrimento do Brasil, carregando consigo as imagens dos produtores artesanais. Dessa forma, é possível concluirmos que a memória coletiva e a história da Cachaça se misturam, porém não se

---

<sup>85</sup>SILVEIRA, Luciana Braga; BUENDÍA, Mercedes Pardo. Da invenção da tradição (ou de como os patrimônios nos inventam). Notas sobre a patrimonialização do pastoreio na Espanha. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 36, jul./dez. 2011. p. 155.



confundem. A primeira encontra suporte para sua existência na segunda, mas por ainda estar presente no cotidiano de alguns grupos, preserva a tradição da produção da bebida e os laços de pertencimento e identidade de seus indivíduos.

Em síntese, esta pesquisa buscou a reflexão acerca da construção da imagem dos cachaceiros, produtores artesanais da Cachaça, na memória coletiva de grupos sociais brasileiros. Considerada para além da imaterialidade de seu modo artesanal de produção, a Cachaça também foi analisada como um objeto com o qual o produtor mantém sincronia, fazendo parte da vida do produtor, carregando consigo valores e significados que apenas fazem sentido para os membros de seu grupo.

Com o auxílio de um breve retrospecto histórico da Cachaça no Brasil e o estudo do caso do produtor Toni Rodrigues, a bebida, por sua tradição e popularidade, encontra-se viva na memória de diversos grupos brasileiros, entre eles, o grupo dos cachaceiros, reforçando uma imagem típica dos mesmos. Por seu elo com o passado, o cachaceiro é aquele que possui memórias, como um protetor da história nacional e que a transmite para as próximas gerações.

## Fontes

ANDERY, Rafael. *Rei da cachaça cria cabras e cobras e sonha em distribuir seu dinheiro pelo mundo*. Salinas, 29 set. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/serafina/2013/09/1347504-rei-da-cachaca-cria-cabras-e-cobras-e-sonha-em-distribuir-seu-dinheiro-pelo-mundo.shtml>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

BRASIL, Senado Federal. *Decreto 4.851, de 2 de outubro de 2003. Altera dispositivos do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 2.314, de 4 de setembro de 1997, que dispõe sobre a padronização, a classificação, o registro, a inspeção, a produção e a fiscalização de bebidas*. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/legislacao/>>. Acesso em 22 out. 2014.

CHEREM, Carlos Eduardo. *Rei da Cachaça deixa prisão em Minas Gerais após 88 dias*. Belo Horizonte, 8 nov. 2014. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas->



noticias/2014/11/08/rei-da-cachaca-deixa-prisao-em-minas-gerais-apos-88-dias.htm>. Acesso em 10 nov. 2014.

JANEL, Natália; MELHADO, Nicole. *Produtor de cachaça é preso suspeito de pedofilia no Norte de Minas Gerais*. Minas Gerais, 12 ago. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2014/08/produtor-de-cachaca-e-presosuspeito-de-pedofilia-no-norte-de-minas-gerais.html>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

TvFolha. *Toni Rodrigues, da Seleta, o maior cachaceiro do mundo*. 29 set. 2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_rKUq-R2MOY](https://www.youtube.com/watch?v=_rKUq-R2MOY)>. Acesso em: 20 ago. 2014.

### Referências bibliográficas

CÂMARA CASCUDO, Luisda. *Prelúdio da Cachaça*. São Paulo: Global, 2006.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GONÇALVES, Luís Otávio P; GRAVATÁ, Carlos Eduardo. *Almanaque da cachaça*. Belo Horizonte: Formato, 1991.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

MORIN, Violette. El objeto biográfico. In: *Los Objetos de Abraham Moles*. 1974.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.



POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terra de história: problemáticas atuais. In: Bresciani, M.S; Naxara, Márcia. (Org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SILVEIRA, Luciana Braga; BUENDÍA, Mercedes Pardo. Da invenção da tradição (ou de como os patrimônios nos inventam). Notas sobre a patrimonialização do pastoreio na Espanha. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p.145-169, jul./dez. 2011.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx. Roupas, memória, dor*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TRINDADE, Alessandra. *Cachaça, um amor brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.